

O TRATADO DA DESOBEDIÊNCIA CIVIL

INCLUI O CLÁSSICO SOBRE
A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.

Todos os textos de Étienne De La Boétie e Henry David Thoreau usados nesta edição encontram-se em domínio público.

Avis Rara é um selo da Faro Editorial.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Tradução **ALEXANDRE PIRES VIEIRA E CLÁSSICOS JACKSON**

Preparação **TUCA FARIA E MONIQUE D'ORAZIO**

Revisão **BARBARA PARENTE E CRIS NEGRÃO**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **ANTIGA GRAVURA RETRATANDO O MOTIM DE TOMPKINS SQUARE PARK EM 1874 | KEITH LANCE | ISTOCK IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Boétie, Étienne De La, 1530-1563

O tratado da desobediência civil : inclui o clássico sobre a servidão voluntária / Étienne De La Boétie, Henry David Thoreau. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.

96 p.

ISBN 978-65-5957-290-8

Título original: Discours de la servitude volontaire

1. Ciência política 2. Desobediência civil 3. Resistência ao governo 4. Liberdade I. Título II. Thoreau, Henry David III. Levy, Eduardo

23-1121

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência política



1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

**TRADUÇÃO:
ALEXANDRE PIRES VIEIRA**

INTRODUÇÃO

Discurso da servidão voluntária, de Étienne de La Boétie (1530-1563), é uma análise política sobre a obediência. Aqui vemos a afirmação de que estados e governos são mais vulneráveis do que as pessoas imaginam e podem entrar em colapso em um instante: assim que o consentimento dos governados é retirado. Essa é a fascinante tese defendida por La Boétie.

Em tempos em que corporações e governos ampliam de forma nunca antes imaginada o controle e o poder sobre a população, este livro, escrito há quase quinhentos anos, é verdadeiramente o traço profético de nossos tempos.

Étienne de La Boétie nasceu de uma família aristocrática em Sarlat-la-Canéda, no sudoeste da França, e se tornou um estimado amigo de Michel de Montaigne. Mas La Boétie deve ser lembrado por este ensaio surpreendentemente importante, que é um dos maiores da história do pensamento político, escrito quando ele tinha apenas dezoito anos de idade. Sua tese e seu argumento são a melhor resposta a Maquiavel, bem como um dos ensaios fundamentais em defesa da liberdade.

No texto, a natureza do Estado é investigada. O autor mostra seu assombro ao perceber como uma pequena minoria cria regras e reivindica autoridade para governar todos os outros, mantendo o monopólio da lei. Parece-lhe implausível que tal instituição tenha qualquer poder real, pois pode ser derrubada em um instante, bastando para isso as pessoas simplesmente retirarem seu consentimento ao governo.

La Boétie, então, investiga o mistério que faz as pessoas não se recusarem a obedecer, dado que é óbvio para ele que todos estariam melhor sem o Estado. Isso o envia numa jornada especulativa para investigar o poder da propaganda, do medo e da ideologia em fazer com que as pessoas se conformem com sua própria sujeição. Seria covardia? Talvez. Hábito e tradição? Pode ser. Ou quem sabe seja ilusão ideológica e confusão intelectual. Segundo La Boétie, o governante cria uma pirâmide ilusória e transfere um pouco do poder para meia dúzia de tenentes, que repetem o processo. Esses subalternos, achando que realmente têm algum poder, submetem os abaixo deles com mão forte. Assim, o Estado submete uns por intermédio dos outros, e dá razão ao adágio que diz ser a lenha rachada com cunhas feitas da mesma madeira. Para o autor, ninguém deve trabalhar para o Estado, pois mesmo homens de caráter, com boas intenções, se tornam instrumentos da tirania e logo experimentam os efeitos dessa tirania sobre si mesmos, para cujo exemplo ele cita Sêneca, Burro e Trásea* no principado de Nero.

La Boétie prossegue, argumentando por que todos devem retirar imediatamente seu consentimento ao governo. Ele exorta todas

* Lúcio Aneu Sêneca, Sexto Afrânio Burro e Públio Clódio Trásea Peto, os principais assessores de Nero, responsáveis pelos excelentes cinco primeiros anos de seu principado. Ver Sêneca, *Vida e Filosofia*. (N. do T.)

as pessoas a se erguer e a abandonar a tirania simplesmente recusando-se a admitir que o Estado está no comando. Para ele, o tirano não tem nada mais do que “o poder que vocês lhe conferem para destruí-los”.

Onde ele iria adquirir olhos suficientes para espioná-los, se vocês mesmos não os fornecessem? Como ele pode ter tantos braços para bater em vocês, se não os pega emprestados de vocês? Os pés que pisam em suas cidades, onde ele os adquire, se não são seus próprios pés? Como ele tem qualquer poder sobre vocês a não ser através de vocês?

Então, apresenta estas palavras inspiradoras:

Resolvam não servir mais, e serão imediatamente libertados. Não peço que coloquem as mãos sobre o tirano para derrubá-lo, mas simplesmente que não o apoiem mais; desse modo o observarão, como um grande colosso cujo pedestal foi arrancado, cair de seu próprio peso e quebrar-se em pedaços.

Em todas estas áreas, o autor antecipou Jefferson, Thoreau, Arendt, Gandhi, Luther King e aqueles que derrubaram a tirania soviética. O ensaio tem profunda relevância para a compreensão da história como o grande inspirador da desobediência civil.

Como Rothbard* escreve em sua famosa introdução:

O discurso de La Boétie tem uma importância vital para o leitor moderno — uma importância que vai além do puro prazer de ler uma grande e

* Murray Newton Rothbard (Nova York, 2 de março de 1926 – Nova York, 7 de janeiro de 1995) foi um economista norte-americano da Escola Austríaca, historiador e filósofo que ajudou a definir o conceito moderno de libertarianismo.

seminal obra sobre filosofia política ou, para o libertário, de ler o primeiro filósofo político libertário.

Para La Boétie, o problema que todos os adversários do despotismo encontram de forma particularmente difícil é de estratégia. Diante do poder devastador e aparentemente avassalador do Estado moderno, como se pode criar um mundo livre e diferente? Como é possível ir de um mundo de tirania para um mundo de liberdade? Com sua metodologia abstrata e atemporal, La Boétie oferece perspectivas vitais sobre este eterno problema.

Alexandre Pires Vieira

Discurso da Servidão Voluntária

*Não vejo nenhum bem em ter vários senhores;
Que um só seja senhor, que um só seja rei.*

Estas são as palavras que Homero coloca na boca de Ulisses, quando ele se dirige ao povo. Se ele não tivesse dito nada mais que “Não vejo nenhum bem em ter vários senhores”, teria sido perfeito.

Por uma questão de lógica, ele deveria ter mantido que a regra de vários não poderia ser boa, já que até mesmo o poder de um só homem, assim que ele adquire o título de líder, torna-se abusivo e irracional. Em vez disso, ele declarou o que parece absurdo: “Que um só seja senhor, que um só seja rei”.

Não devemos criticar Ulisses, que naquele momento talvez tenha sido obrigado a pronunciar estas palavras para reprimir um motim no exército, por esta razão, em minha opinião, escolhendo a linguagem para atender à emergência em vez da verdade. No entanto, à luz da razão, é uma grande desgraça estar às ordens de um líder, pois é impossível ter certeza de que ele será gentil, pois está sempre em seu poder ser cruel quando desejar. Quanto a ter vários líderes, isso equivale a ser tantas vezes infeliz.

Embora eu não queira neste momento discutir esta questão tão debatida, ou seja, se outros tipos de governo são preferíveis à

monarquia, gostaria de saber, antes de lançar dúvidas sobre o lugar que a monarquia deveria ocupar entre as sociedades comuns, se ela pertence ou não a tal grupo, pois é difícil acreditar que exista algo de comum na riqueza de um país onde tudo pertence a um só líder. Essa questão, entretanto, pode permanecer por mais um tempo e realmente exigiria um tratamento separado envolvendo, por sua própria natureza, todo tipo de discussão política.

Por enquanto, gostaria apenas de entender como acontece que tantos homens, tantas aldeias, tantas cidades, tantas nações, às vezes sofrem sob um único tirano que não tem outro poder além do poder que eles lhe dão; que só é capaz de prejudicá-los na medida em que eles têm a vontade de aceitá-lo; que não poderia causar-lhes absolutamente nenhum dano, a menos que eles preferissem aceitá-lo em vez de contradizê-lo. Certamente uma situação impressionante! No entanto, é tão comum que é preciso lamentar mais e maravilhar-se menos com o espetáculo de um milhão de homens servindo na miséria, seus pescoços sob o jugo, não constrangidos por uma multidão maior do que eles, mas simplesmente, ao que parece, encantados e maravilhados com o nome de um único homem cujo poder não precisam temer, pois ele é evidentemente a única pessoa cujas qualidades não podem admirar por causa de sua desumanidade e brutalidade para com eles. Uma fraqueza característica da espécie humana é que muitas vezes temos que obedecer à força; temos que fazer concessões; nós mesmos nem sempre podemos ser os mais fortes.

Portanto, quando uma nação é constrangida pela sorte da guerra a servir a um único grupo, como aconteceu quando a cidade de Atenas serviu aos Trinta Tiranos,* não se deve ficar surpreso que a

* A Tirania dos Trinta (em grego, oi Τριάκοντα, *hoi Triakonta*) foi um governo oligárquico de Atenas composto por trinta magistrados chamados tiranos, que sucedeu à democracia ateniense ao final da Guerra do Peloponeso, durante menos de um ano, em 404 a.C. (N. do T.)

nação obedeça ou simplesmente entristecer-se com a situação; o melhor, em vez de ficar surpreso ou triste, é considerar pacientemente o mal e olhar em frente com esperança em direção a um futuro mais feliz.

Nossa natureza é tal que os deveres comuns das relações humanas ocupam uma grande parte do curso de nossa vida. É razoável amar a virtude, estimar as boas ações, ser grato pelo bem de qualquer fonte que possamos recebê-lo e, muitas vezes, abrir mão de algum de nosso conforto para aumentar a honra e a vantagem de algum homem que amamos e que o merece. Portanto, se os habitantes de um país encontraram algum grande personagem que demonstrou rara previdência em protegê-los numa emergência, rara ousadia em defendê-los, rara solicitude em governá-los, e se, a partir daí, eles contraem o hábito de obedecê-lo e depender dele a tal ponto que lhe concedem certas prerrogativas, temo que tal procedimento não seja prudente, na medida em que o afastam de uma posição em que estava fazendo o bem e o elevam a uma dignidade na qual ele pode fazer o mal. Certamente, enquanto ele continua a manifestar a boa vontade, não é preciso temer nenhum mal de um homem que parece estar geralmente bem-disposto.

Mas, ó bom Deus! Que fenômeno estranho é esse? Que nome devemos dar a ele? Qual é a natureza desse infortúnio? Qual é o vício, ou melhor, qual a degradação? Ver uma infinita multidão não apenas obedecendo, mas levada ao servilismo? Não governada, mas tiranizada? Esses infelizes não têm riqueza, nem parentes, nem esposa, nem filhos, nem mesmo a própria vida que eles podem chamar de sua. Eles sofrem pilhagens, arbitrariedades, crueldade, não de um exército, não de uma horda bárbara, por quem devem derramar seu sangue e sacrificar suas vidas, mas de um único homem; não de um Hércules ou de um Sansão, mas de um

único homenzinho. Muito frequentemente esse mesmo homenzinho é o mais covarde e efeminado da nação, um estranho ao pó da batalha e hesitante nas areias do torneio; não apenas sem energia para dirigir os homens pela força, mas com pouca virilidade para dormir com uma mulher comum!

Devemos chamar de covardia a submissão a um líder assim? Devemos dizer que aqueles que o servem são covardes e hesitantes? Se dois, se três, se quatro não se defenderem de um, podemos chamar essa circunstância de surpreendente, mas ainda assim concebível. Em tal caso, pode ser justificada a suspeita de falta de coragem. Todavia, se cem, se mil suportam o capricho de um único homem, não deveríamos antes dizer que lhes falta não a coragem, mas o desejo de se levantar contra ele, e que tal atitude indica indiferença em vez de covardia? Quando não cem, não mil homens, mas cem províncias, mil cidades, um milhão de homens se recusam a atacar um único homem do qual o tratamento mais bondoso recebido é o influxo da servidão e da escravidão, como chamaremos isso? É covardia? É claro que há em cada vício inevitavelmente algum limite além do qual não se pode ir.

Dois, possivelmente dez, podem temer um; mas quando mil, um milhão de homens, mil cidades não conseguem se proteger contra o domínio de um homem, isso não pode ser chamado de covardia, pois a covardia não afunda a tal profundidade, assim como o valor não pode ser chamado de esforço de um indivíduo para escalar uma fortaleza, para atacar um exército ou para conquistar um reino. Que vício monstruoso, então, é esse que não merece sequer ser chamado de covardia, um vício para o qual nenhum termo suficientemente vil pode ser encontrado, que a própria natureza nega e nossas línguas se recusam a nomear?

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo
com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MARÇO DE 2023